

Grupo DiVeraCidade
Relatos de experiência

Título da Experiência – DiVerACidade, uma estratégia de pertencimento e produção de vida: Saúde Mental Infantojuvenil LGBTQIAPN+ em cuidado no território afetivo na cidade de Santo André-SP

Início da Experiência: dezembro 2018

Autor: Marcos Vinicius Fonseca - Monitor de Oficina Terapêutica no CAPS IJ – (marcosvfonseca@gmail.com). **Coautoras:** Josiane Marie de Vita Ramos Prado - Psicóloga no CAPS IJ; Talita Maurício da Rocha - Auxiliar de Oficina no CAPS IJ- (talita.mauricio.93@gmail.com); Glória Ferreira – Socióloga na Área de Prevenção em HIV/Aids - DVS – (gloriaferreiraa@hotmail.com).

Instituições:

Secretaria de Saúde Santo André
Coordenação de Saúde Mental
Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil
Coordenação de Especialidades
Área de Prevenção em HIV/Aids - DVS

Introdução e Justificativa

O campo da Saúde Mental na Infância e Adolescência no Brasil ainda se apresenta como importante desafio, visto que as Políticas Públicas e incentivos financeiros têm sido insuficientes no cuidado desse público. Na cidade de Santo André, o Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil (CAPS IJ) é referência para crianças e adolescentes que apresentam prioritariamente intenso sofrimento psíquico, incluindo o uso de substâncias psicoativas. Composto por uma equipe multidisciplinar e tem como diretriz o Modelo de Atenção Psicossocial de base territorial e comunitária.

Em 2018, devido a necessidade de uma resposta municipal para acompanhamento de crianças e adolescentes com variabilidade de gênero, a Área Técnica de Prevenção do Programa de Agravos Crônicos Transmissíveis inicia uma aproximação

com o CAPS IJ para promover estratégias de cuidado para este público em seus territórios de vida. A partir do compartilhamento de saberes e experiências das duas áreas, historicamente marcadas por atenderem uma população socialmente excluída e estigmatizada, dá-se início a um processo de trabalho compartilhado, proporcionando três espaços terapêuticos potentes: Grupo *“DiVeraCidade”*, Sarau + Di Versos e Grupo de Família das crianças e adolescentes LGBTQIAPN+.

A experiência promove o aprimoramento dos profissionais para reconhecerem sofrimentos mentais relacionados à identidade de gênero, proporciona escuta e acolhimento às famílias das que modificam às concepções e abordagens com seus filhos. Os usuários expressam novos sentimentos sobre suas identidades e desejos, saindo do campo da patologia e entrando no campo da vida social, que se reconhece em suas singularidades, fortalecendo seus processos de autonomia e protagonismo da vida.

Objetivos

Os profissionais do CAPS IJ e da Área Técnica de Prevenção do Programa de Agravos Crônicos Transmissíveis atentos em garantir às pessoas adolescentes LGBTQIAPN+ espaços para expressão de sua identidade de gênero e orientação sexual, tiveram como propositura romper com processos de adoecimento e prevenir o aprofundamento de crises e sofrimentos psíquicos vivenciados por LGBTQIAPNfobia.

Sarau + Di Versos: tod@s pelo fim da discriminação

Reunião de usuários LGBTQIAPN+ do CAPS IJ, seus familiares e outros adolescentes que tenham interesse em contribuir com a produção de linguagens artísticas e culturais, que proporcionem a afirmação dos direitos e respeito às identidades deste público.

Grupo Di Ver a Cidade

Promove a ampliação dos espaços de circulação das crianças e adolescentes LGBTQIAPN+, realizando os encontros em parques, centros culturais, museus, espaços de educação e outros. Estimula o pertencimento, apropriação de novos espaços identitários, ampliando e fortalecendo as relações familiares e sociais.

Grupo de Família

Grupo que promove discussão em relação ao tema, acolhimento, escuta e orientações aos pais e/ou responsáveis, que expressam dúvidas, angústias, sofrimento, ou estado de revolta em relação aos seus filhos.

Metodologia

O CAPS IJ e a Área Técnica de Prevenção do Programa de Agravos Crônicos Transmissíveis percorreram alguns passos para construção deste projeto. Nos momentos iniciais, são realizados espaços de estudos e discussões sobre identidade de gênero e diversidade sexual com os trabalhadores.

Com as crianças e adolescentes, encontros para escuta e diálogo, estimulados por meio de jogos de socialização, jogos teatrais e estudos sobre o mapa da cidade de Santo André, na tentativa de elencar geograficamente locais seguros para os adolescentes. Por diversas vezes, a equipe promoveu o acolhimento dos usuários, visto o medo de circular pela cidade pelo fato de serem LGBTQIAPN+. O reconhecimento de equipamentos da cidade (cenários da vida diária), com a criação do Mapa Afetivo, desenvolveu a valorização e reflexão sobre os territórios de residência dos usuários e seus familiares, fortalecendo-os através de recursos apresentados *in loco*, para os projetos de vida e o exercício aos direitos à cidadania.

É consolidado o Grupo de Família para escuta, acolhimento, orientações, dúvidas, debates em relação aos filhos LGBTQIAPN+.

Os grupos se unem para os encontros nos territórios, que acontecem em museus, parques, SESC, exposições culturais, entre outros. No território o grupo ganha força ao somar-se a outras pessoas interessadas nas discussões pertinentes ao coletivo, através de: rodas de conversa; trocas de experiências vividas por usuários, familiares e trabalhadores; produção de criações artísticas e criações expressivas; atividades de entretenimento como jogos e brincadeiras; exploração dos espaços ampliando a percepção de cidadania, repertório comunicativo e territorial dos adolescentes.

Resultados

Após as primeiras estratégias os adolescentes apresentaram melhoras excepcionais. Há o caso de uma adolescente, que traz sobre a lesbofobia sofrida persistentemente no meio familiar. Com apoio dos profissionais e do grupo, trocando experiências com representantes de outras famílias que passaram por dificuldades, mas superaram, a adolescente inicia projetos de vida. Outras adolescentes LGBTQIAPN+, deste mesmo período tiveram melhoras surpreendentes saindo do quadro depressivo e resgatando autonomia.

A visita ao Museu da Diversidade em São Paulo, onde uma adolescente relatou o desejo de retornar ao espaço sem a mediação do CAPS IJ.

Adolescente “S” de 14 anos, que se entende como menina cis homossexual, relatou que conseguiu se declarar homossexual para o pai, após uma performance artística realizada pelo grupo. A adolescente foi acolhida e recebeu o apoio do pai, que frequentava o grupo de família.

Mãe “T”, de uma adolescente trans, traz no grupo que a filha não apresenta mais a grande ansiedade para a aquisição de hormônios e que isto se deu a partir da roda de conversa com a enfermeira. Relata que a filha percebeu que é bastante arriscado usar os hormônios por conta própria. Hoje, ao se colocar nas discussões em grupo, a mãe assume a fala “nós viemos para o tratamento” (sic.), e ou, “Os passeios é o nosso momento de relaxar” (sic). A mãe “T” diz multiplicar com as demais pessoas da família o que ela “aprende” no grupo, caracterizando a necessidade de que toda a família esteja disponível e em cuidado.

Atualmente, o grupo é composto por 21 adolescentes. Os resultados revelam a potência em promover espaços terapêuticos de autonomia e protagonismo às pessoas frente às suas condições de existências no mundo e a importância do apoio prestado às famílias.

Considerações finais

Esta experiência foi conduzida em consonância com as diretrizes da “Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT” e do Modelo de Atenção

Psicossocial, a partir da apropriação de tecnologias leves nos territórios afetivos dos usuários LGBTQIAPN+ do CAPS IJ e seus familiares.

Todo o preconceito e estigma vivenciado pelas pessoas LGBTQIAPN+ se intensificam no âmbito da infância e adolescência, pois são fases de menor escuta e validação social de desejos, o que implica muitas vezes em direitos negligenciados e baixo ou nenhum estímulo à autonomia. Quando é possível friccionar as barreiras a ponto de romper os estigmas, ficam evidentes os benefícios e a melhora destas crianças e adolescentes.

A partir das estratégias descritas ao longo deste trabalho, foram sendo observadas mudanças de percepções sobre a sexualidade não cisheteronormativa. Ou seja, os usuários conseguiram expressar novos sentimentos sobre suas identidades e desejos, promovendo a despatologização da vida, e percebendo que ser LGBTQIAPN+ não é doença.

Esta mudança nas narrativas das pessoas LGBTQIAPN+ indica que as introjeções objetais (Klein) que inicialmente traziam sofrimento por serem introjeções homofóbicas, lesbofóbicas e transfóbicas, agora concorrem com novas introjeções objetais, promovidas pelas trocas de vivências de outras pessoas LGBTQIAPN+ e seus familiares, que apresentam novas concepções frente à tais identidades

Bibliografia

Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília, Ministério da Saúde, 2017.

Prevenção Combinada do HIV: Bases Conceituais para Profissionais, Trabalhadores(as) e gestores(as) do SUS. Brasília, Ministérios da Saúde, 2017.